



VI Congresso Internacional UFES/Paris-Est

Culturas políticas e conflitos sociais



ILUSTRAÇÃO E JOSÉ DA SILVA LISBOA

Marcela Portela Stinguel*

Resumo: Este artigo pretende examinar os diferentes tipos de Iluminismo que guiaram José da Silva Lisboa ao longo de sua vida pública. Para tanto, exemplos desse movimento serão pesquisados em suas respectivas versões na França, Inglaterra, Portugal e no Brasil, pois representam os principais guias para Visconde de Cairu. Conseqüentemente, as circunstâncias políticas, econômicas e sociais que contribuíram para a formação intelectual de Silva serão analisadas, uma vez que o recorte deste artigo situa-se entre a partida de Silva Lisboa para Portugal, com o objetivo de iniciar seus estudos na Universidade de Coimbra, até a chegada da Família Real no Brasil, ou seja, de 1774 a 1808.

Palavras-chave: Iluminação. Visconde de Cairu. Modernidade. Tradição. Marquês de Pombal.

Abstract: This article aims to analyze the different types of enlightenment that guided José da Silva Lisboa throughout his public life. In order to do so, examples of this general movement will be analyzed in their respective versions in France, England,

* Mestranda em História pela Universidade Federal do Espírito Santo; Pesquisa: Justo meio entre os excessos: papel econômico e político de Visconde de Cairu no Brasil; e-mail: portela.s.marcela@gmail.com

Portugual and the national one, since these represent the main guides for Viscount of Cairu. Consequently, the political, economic and social circumstances that contributed to Silva Lisboa's intellectual formation will be analysed, as the scope of this article consists in investigating from Lisboa's departure to Portugal, with the purpose of starting his studies at Coimbra University, to the arrival of the Royal Family in Brazil, that is, from 1774 to 1808.

Keywords: Enlightenment. Viscount of Cairu. Modernity. Tradition. Marquis of Pombal.

José da Silva Lisboa é considerado o primeiro economista do Brasil. Nasceu na Bahia no ano de 1756 e foi para Portugal aos 17 anos para estudar na Universidade de Coimbra. Em terras lusas, Visconde de Cairu entrou em contato com o movimento ilustrado dado o modelo universitário instaurado por Marquês de Pombal e tal fato, decerto, afetou o brasileiro em suas obras.

Silva Lisboa era um tenaz apoiador da política de D. João VI. Desempenhou importantes funções nesta época como Censor da Imprensa Régia, órgão incumbido das produções tipográficas no Brasil. Discípulo de Adam Smith, como se considerava, contribuiu para desenvolver no Brasil uma economia liberal. No entanto, ele não foi apenas difusor dos princípios smithianos no país, mas se atentou às características nacionais. Além de Smith, outros pensadores liberais ingleses também motivaram o brasileiro como, por exemplo, Edmund Burke, David Hume e Jeremy Bentham.

Visconde de Cairu defendia o liberalismo econômico e o governo, por sua vez, deveria agir de forma e evitar os excessos dos indivíduos. Quando foi estudar em Coimbra (de 1772 até 1779), o brasileiro se deparou com uma Europa em meio a um processo de secularização. No cenário europeu haviam ocorrido significativas modificações onde a burguesia estava se avultando como detentora do poder econômico frente à aristocracia rural. Concomitantemente, a Igreja enfraqueceu-se, pois neste

contexto a razão ficou em evidência. A ampliação populacional na Europa e o crescimento urbano favoreceu na difusão do Iluminismo e simultaneamente ocorreu a expansão da capitalista devido ao aumento da produção agrícola.

O lugar mais apropriado para todas essas mutações é a cidade grande, que favorece a liberdade dos indivíduos e lhes dá ao mesmo tempo a oportunidade de se encontrar e debater em comum (TODOROV, 2008, p. 19).

As luzes conduziam o homem a proceder de acordo com a razão. A religião, os dogmas e as tradições gradativamente desempenhavam uma menor influência sobre os indivíduos.

A modernidade rompeu o mundo sagrado que era ao mesmo tempo natural e divino, transparente à razão e criado. Ela não substituiu pelo mundo da razão e da secularização devolvendo os fins últimos para um mundo que o homem não pudesse mais atingir; ela impôs a separação de um *Sujeito* descido dos céus à terra, humanizado, do mundo dos objetos, manipulados pelas *técnicas*. Ela substituiu a unidade de um mundo criado pela (TOURAINÉ, 1994, p. 12, grifo do autor).

Certamente, quando o termo Iluminismo é mencionado, comumente associa-se esse movimento à Revolução Francesa. Obviamente, esse acontecimento tem lugar de grande destaque, pois contribuiu para o balizamento da Modernidade, mas a Ilustração também diz respeito a chamada “anglomania”. O mundo durante o século XVIII, impressionado pela Monarquia Constitucional Britânica, se viu propenso a empregar influências e práticas oriundas da Inglaterra. Isaac Newton e John Locke, sobretudo, eram enaltecidos. (ISRAEL, 2009, p. 563).

O Iluminismo não era um movimento único. Por certo houveram ideias comuns para que renovasse a ordem na sociedade, contudo soluções e também convicções foram organizadas de acordo com as particularidades de cada sociedade. Por exemplo, no Iluminismo da França a razão condicionou o movimento. Na Inglaterra, por sua vez, as virtudes sociais que sobressaíram. (HIMMELFARB, 2011, p. 7 – 16 passim).

O Iluminismo anglo-saxão integra, inclusive, autores considerados contra-revolucionário como Edmund Burke. A religião, tão refutada pelos franceses, para os pensadores ingleses foi possível a formação de um espaço em que a tolerância e a religião eram praticáveis. Não obstante, mesmo com as diferenças existentes entre os iluminismos francês e britânico, é importante colocar que os pensadores desses países não agiam de forma apartada. Por exemplo, Montesquieu morou na Inglaterra entre 1729 e 1731; David Hume morou na França no período em que escreveu *Tratado sobre a natureza humana* entre 1734 e 1737 enquanto Smith morou por um ano, de 1765 a 1766.

Adam Smith e David Hume, ambos nasceram na Escócia, porém, eles entram na lista dos iluministas britânicos, pois se identificavam como tais. Como na Inglaterra, o Iluminismo escocês não assumiu um caráter antirreligioso, mas era a favor da preservação das tradições. Uma característica marcante do Iluminismo escocês, o que o diferencia em parte dos outros, é em relação à escrita. Observava-se na redação dos pensadores desse país uma constante preocupação com a clareza e livre de qualquer resquício de dialeto considerado desprimoroso se comparado ao inglês falado em Londres. A crítica inglesa era intolerante com qualquer deslize por parte dos autores escoceses. (PIMENTA, 2011, p. 12).

O movimento ilustrado luso também pleiteou as tradições e houve uma aproximação, ainda que acanhada, dos princípios liberais. Os expoentes do Iluminismo Português são D. Luiz da Cunha, Antonio Ribeiro e Luiz Antonio Verney. Esses intelectuais alegavam que em Portugal havia uma carência cultural, a economia fenecia e a ideologia escolástica aprofundava ainda mais a situação. Embora Portugal tenha

apresentado durante os séculos XV e XVI uma modernização se comparada às outras nações europeias, devido as empresas coloniais, mercantis e expansão marítima, o pensamento desse país se alterou de maneira mínima. Segundo Falcon (1982, p. 149 – 159) e Silva (2010, p. 68 - 70), resposta para tal fato foi a gigantesca influência exercida pelos religiosos fosse no campo econômico ou no campo político. Dessa forma, praticou-se em Portugal, e conseqüentemente no Brasil, uma postura conservadora. O Absolutismo, o Mercantilismo e a privação de atividades produtivas associados aos costumes e formas de pensamento português, permitiu a essa Nação um panorama tardio para o desenvolvimento das ideias ilustradas que ocorriam nas outras nações ocidentais europeias. A burguesia, por sua vez, não reverteu o quadro descrito acima. Havia uma Inquisição e, concomitantemente, uma forte repressão. Essa classe não era em número abundante e ela aparecia apenas como negociante das transações comerciais.

Para Maxwell (1997, p. 68), a relação entre Iluminismo Português e Sebastião Jose de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, se destacou no reinado de D. José I. Entre os anos de 1750 – 1777 foi Ministro dos Assuntos Exteriores e da Guerra e no referido período foram adotadas medidas iluministas em Portugal como, por exemplo, a reforma da Universidade de Coimbra, a abolição da escravatura (somente em Portugal) e a reforma no exército. Na esfera econômica, por sua vez, Pombal agiu de forma contrária às práticas iluministas com a utilização de monopólios, taxações e subsídios. A administração pombalina almejava modernizar a sociedade portuguesa, mas com aumento do Poder Absolutista.

A posição de neutralidade e mediação adotada por Portugal frente aos acontecimentos relacionados à Ilustração para com as demais nações foi favorável durante um certo período (panorama lucrativo com as descobertas auríferas no Brasil e também os pactos comerciais e/ou familiares com outros reinos). Todavia, o estabelecimento de relações com a Inglaterra e as ameaças napoleônicas tornaram insustentável a posição imparcial portuguesa.

Consoante com Silva (2010, p. 81), somente com a morte do Rei José I e o conseqüente afastamento do Marquês de Pombal, o movimento ilustrado português começou a desenvolver-se de fato. A Academia Real das Ciências de Lisboa foi inaugurada em 1779 e nela a intelectualidade luso-brasileira discutia alternativas de inserção de Portugal na Ilustração. Os integrantes da Academia aspiravam conciliar o pragmatismo e o cientificismo e a obtenção de resoluções para os impasses presentes em Portugal e nas colônias. Para tanto, recorreram a soluções ecléticas através da adesão de diversas teorias e princípios.

No caso brasileiro, em conformidade com Alexandre (1993, p. 19 – 70 *passim*), dois movimentos do século XVIII ecoaram a ideologia iluminista: Inconfidência Mineira em 1789 e Conjuração Baiana no ano de 1798. Esses movimentos despertaram sentimentos nacionalistas na população envolvida, pois não havia concordância para com as restrições comerciais. Os inconfidentes, apreciadores do movimento ilustrado francês, além das leituras de obras desse país, liam também materiais dos Estados Unidos, pois essa nação havia conquistado a independência, e isso suscitou nos agitadores, sentimentos de expectativa.

A ideologia liberal no Brasil apoiou-se na escravidão e na organização produtiva decorrente da herança colonial. Além disso, houve uma harmonia do movimento ilustrado brasileiro com a religião/Igreja. O clero, inclusive, participou esforçadamente nos movimentos revolucionários nacionais. Nesse contexto, o brasileiro atuou como discípulo de Adam Smith no que concerne à difusão das ideias liberais observando-se, contudo, as especificidades brasileiras. Agiu também como defensor da Monarquia e das tradições, assim como Edmund Burke.

No recorte temporal proposto para o presente estudo foi delimitado desde a partida de Cairu para Portugal afim de dar continuidade aos seus estudos no ano de 1772 até a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil em 1808.

Na época em que Silva Lisboa estudou em Portugal, fervilhava na Europa ideias liberais, conceitos que certamente motivaram a elaboração de suas obras a partir de

então. A formação acadêmica de Cairu se deu numa Universidade de Coimbra contemplada pela reforma de 1771. Quando o brasileiro retornou para Salvador, foi designado a Juiz Ordinário da Capitania de Ilhéus em 1780. Entre os anos de 1781 e 1782, exerceu a advocacia, foi professor de grego e foi nomeado para a Cátedra de Filosofia.

No período definido Silva Lisboa escreveu duas obras: *Princípios do Direito Mercantil e Leis da Marinha* (1798) e *Princípios da Economia Política* (1804).

Em *Princípios do Direito Mercantil e Leis da Marinha*, Visconde de Cairu colaborou na construção de uma jurisprudência marítima e regulou as especulações nesse sistema. Esse contrato de seguros tinha como objetivo orientar os portugueses ocupados no comércio marítimo uma melhor aplicação do capital circulante.

O contrato de seguros permite às nações equilibrar as transações marítimas. Tal atividade, através de convenções, não seria praticada apenas por capitalistas, mas também aqueles detentores de fundos menores.

A ausência dos referidos contratos permitiria que

[...] as especulações mercantis seriam de curta esfera, e apenas poderiam ser empreendidas por grandes capitalistas, que, concentrando em si todos os meios de riqueza, exerceriam terrível monopólio sobre os mais concidadãos, tornando parálitica a indústria nacional (LISBOA, 1798, p. 1).

Silva Lisboa na confecção dessa obra, a destinou aos portugueses operantes de atividades mercantis e

[...] procura instruir-se elementarmente nas matérias de sua profissão, a fim de poder exercê-la com discernimento, e proveito; não se precipitando, por inexperiência, a fazer convenções mercantis, ou inúteis, ou ruinosas, quando

tratar de pôr seus capitais circulantes livres dos perigos dos transportes marítimos, a cuja indenização particularmente tende o contrato de seguros. A matéria, sendo de tão grande importância prática, e não menos digna de exercer a curiosidade especulativa de principiantes empreendedores para que nas suas especulações caminhe de igual passo a teoria, a justiça, e a utilidade (LISBOA, 1798, p. 9).

Já em *Princípios da Economia Política*, Visconde de Cairu pretendeu instruir aos capitalistas a correta aplicação de capitais. Se trata de uma obra de difusão dos ensinamentos de Adam Smith.

De acordo com Cairu nessa obra, a Economia Política tem como norteador a felicidade social.

As Nações, como os indivíduos, aspiram à felicidade: mas, em que esta consista e como se alcance, é árduo definir. Presentemente se acorda ser ela inseparável da *sólida civilização e honesta opulência*, que pressupõe o devido culto do Eterno Regedor do Mundo, a acertada direção do trabalho social, a sincera comunicação dos homens, a mútua prestação dos seus bons ofícios a franca permuta dos produtos da respectiva terra e indústria. Estas vantagens, dando aos povos caráter, subsistência, luzes, segurança e cômodos da vida, aproximam (senão restabeleceu) a Humanidade ao competente grau na escala da criação, de que aliás decai no estado selvagem, bárbaro e impolido (SILVA, 1956, p. 75, grifo do autor).

Referente a Adam Smith, Visconde de Cairu desfia inúmeros elogios ao Pai da Economia Moderna.

Este inimitável mestre procurou conciliar o interesse de todos os países e classes de indivíduos, dando dignidade aos Povos e aos Governos; deixando

àqueles manejar seus próprios negócios a estes atribuindo a genuína e essencial prerrogativa de *proteger e acreditar a Nação*. Considera os homens como ora são e não como deveriam ser; e, seguindo o meio entre as exagerações fisiocráticas e a misteriosa alquimia dos canonizadores das obstruções do Comércio, intenta resgatar a humanidade da servidão e monopólio (SILVA, 1956, p. 97, grifo do autor).

O presente trabalho pretendeu demonstrar de que forma, sobretudo, o Iluminismo Britânico e o Reformismo Ilustrado luso-brasileiro contribuíram para a formação de José da Silva Lisboa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDRE, Valentim. **Os sentidos do Império: questão nacional e questão colonial na crise do Antigo Regime Português**. Porto: Edições Afrontamento, 1993.
- FALCON, Francisco José Calazans. **A época pombalina: política econômica e monarquia ilustrada**. São Paulo: Ática, 1982.
- HIMMELFARB, Gertrude. **Os caminhos para a modernidade: os iluminismos britânico, francês e americano**. São Paulo, SP: É Realizações, 2011.
- ISRAEL, Jonathan I. **Iluminismo radical: a filosofia e a construção da modernidade, 1650-1750**. São Paulo: Madras, 2009.
- LISBOA, José da Silva. **Princípios do Direito Mercantil e Leis da Marinha**. Lisboa: Régia Officina Typográfica, 1798, 1 v.
- _____. **Princípios da Economia Política**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1956.
- MAXWELL, Kenneth. **Marquês de Pombal: paradoxo do Iluminismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

PIMENTA, Pedro Paulo (Org.). **O Iluminismo escocês**: James Beattie, Hugh Blair, George Campbell, Adam Ferguson, Alexander Gerard, David Hume, Francis Hutcheson, Lorde Kames, James Millar, Lorde Monboddo, Thomas Reid, William Robertson, Adam Smith. São Paulo, SP: Alameda, 2011

SILVA, Ana Rosa Clolet da. Ilustração, história e ecletismo: considerações sobre a forma eclética de se aprender com a história no século XVIII. **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 4, mar. 2010, p. 75 - 87.

TODOROV, Tzvetan. **O espírito das luzes**. São Paulo: Barcarolla, 2008.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.